

A Psicologia Heideggeriana

Marcelo Vial Roehé

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, RN, Brasil

RESUMO

O artigo aborda a influência do filósofo Martin Heidegger na psicologia considerando primeiro, sua contribuição para o debate científico/epistemológico; a seguir apresenta a Daseinsanalyse, psicoterapia desenvolvida com base em seus escritos e alguma colaboração pessoal do próprio filósofo e, por fim, a possibilidade de entendimento de fenômenos psicológicos a partir da analítica existencial apresentada na obra *Ser e Tempo*.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológica; psicologia existencial; Heidegger; Daseinsanalyse.

ABSTRACT

The Heideggerian Psychology

The article explores philosopher Martin Heidegger's influence on psychology from the following points of view: his contributions to the scientific/epistemological debate, the heideggerian-based approach to psychotherapy called Daseinsanalyse supported by Heidegger himself, and the understanding of psychological phenomena in light of the existential analytic presented in Heidegger's book *Being and Time*.

Keywords: Phenomenological psychology; existential psychology; Heidegger; Daseinsanalyse.

RESUMEN

La Psicología Heideggeriana

El artículo enfoca la influencia del filósofo Martín Heidegger en la psicología desde tres puntos de vista: sus contribuciones para el debate científico/epistemológico; la Daseinsanalyse – abordaje psicoterapéutico elaborada con su propia colaboración y la posibilidad del entendimiento de fenómenos psicológicos partiéndose de la analítica existencial presentada en la obra *Ser y Tiempo*.

Palabras clave: Psicología fenomenológica; psicología existencial; Heidegger; Daseinsanalyse.

INTRODUÇÃO

A expressão psicologia heideggeriana não é corrente e, talvez, nunca venha a ser, entretanto é perfeitamente identificável o desenvolvimento de um pensamento psicológico com base no trabalho do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Esta psicologia (heideggeriana) está centrada na obra principal do filósofo, *Ser e Tempo* (1927/1993). Nela, Heidegger se propôs a elaborar uma ontologia fundamental. Num vocabulário simplificado pode-se dizer que o filósofo pretendia mostrar aonde e como tudo começa. Tudo o quê? Tudo o que é.

O que é inicia no modo humano de ser, o qual se diferencia dos demais modos de ser por ter uma compreensão do ser. O texto marca o início da trajetória de Heidegger no questionamento do sentido

do ser (aquilo “que é e como é”), a partir da analítica do *Dasein* – termo de Heidegger para designar o modo especificamente humano de ser, usualmente traduzido para o português como Ser-aí – que se caracteriza essencialmente por compreender o ser e poder, portanto, questioná-lo. O “aí” da expressão Ser-aí se refere ao modo de ser que, sendo, revela, *des-cobre* o ser dos demais entes.

Na sequência do texto apresenta-se uma introdução ao pensamento de Heidegger, conforme abordado do ponto de vista psicológico, nas questões epistemológica, clínica e do entendimento de fenômenos psicológicos. É importante destacar que, filosoficamente, a obra de Heidegger é muito mais ampla e tem implicações muito maiores para a questão do conhecimento do que a parcela que veio a influenciar a psicologia. De modo que a leitura psicológica da filosofia de Heidegger

por certo não dá conta da relevância de seu trabalho (que não visava questões psicológicas), entretanto não deixa de ser uma elaboração original e ainda por ser desenvolvida do campo da psicologia.

EPISTEMOLOGIA/PESQUISA

Como mencionado acima, tudo o que *é*, depende do *modo de ser* humano, uma vez que o homem é o ente que compreende o ser. É a partir da compreensão do ser – informal, não intelectualizada – que o homem desenvolve o conhecimento que, por sua vez, também não é, de início, intelectualizado, culto, formalmente reconhecido. O conhecimento poderá, sim, ser formalmente elaborado de modo sistemático, metodológico, crítico e geral constituindo, então, conhecimento científico (Giorgi, 1995). O *status* científico, no entanto, de modo algum dissocia o conhecedor do conhecido: “Como atitude do homem, as ciências possuem o modo de ser desse ente (homem)” (Heidegger, 1927/1993, p. 38).

É importante ressaltar: do modo de ser humano dependem os demais entes para aparecer, todavia, essa aparição não se reduz a uma idealização. Os objetos (entes) do conhecimento são distintos do ser humano, são distintos do ato conhecedor, porém dependem dele para ser; aquilo que o conhecimento dá a conhecer somente se faz presente em função do modo de ser – descobridor, revelador, compreensivo – do homem.

Na tradição ocidental, o conhecimento inicia na distinção sujeito-objeto. O sujeito atinge o objeto na forma de representações (mentais) racionalmente purificadas. Em Heidegger (1927/1993), o ser humano já está junto aos objetos que, por sua vez, não são coisas extensas, mas sim constituem o Mundo, na forma das diferentes relações que o ser humano estabelece com as coisas. Exemplo: uma barra de giz não se mostra como matéria extensa; uma barra de giz recebe sentido como um instrumento que permite ao ser humano que se comunique de uma certa maneira, maneira esta adequada ao local em que se dá a comunicação e adequada ao encontro típico, com outros seres humanos, que se dá nesse local. A barra de giz estará sempre referida ao modo de ser humano: sendo como *é*, o ser humano produz barras de giz.

Sujeito-objeto é uma distinção que somente pode ser feita quando se rompe a unidade ser-no-mundo que caracteriza a existência do ser humano.

É a partir do ser-em que se estabelece a receptividade e a espontaneidade da experiência (...) É assim que o ser-em do ser-no-mundo torna-se o momento indepassável, o transcendente à consciência que funda o conhecimento. Mas esse fundar não é mais

fundamento que dissocia o fundante do fundado e dá ao primeiro um caráter a priori, de primeiro, de originário, de presença constante (Stein, 2000, p. 114).

A analítica existencial de Heidegger permite questionar qualquer ponto seguro para o conhecimento, que não leve em consideração a analítica existencial do modo de ser humano: estes serão arbitrários e artificiais, caso não iniciem com o momento primeiro, as vicissitudes do ser-no-mundo.

Já sempre no-mundo, o ser humano é receptivo aos encontros incessantes com os demais entes a partir do seu Humor e da sua Compreensão (Heidegger, 1927/1993).

O principal para o propósito deste texto é: o ser humano sempre está num determinado humor. Portanto, não há como sustentar o primado da racionalidade para o conhecimento. A precisão metodológica ou a razão clara e distinta são já manifestação de um humor específico (talvez um humor científico?).

Além disso, o ser humano sempre já se orienta numa determinada compreensão do seu contexto, numa familiaridade para consigo e para com o que lhe é próximo (Heidegger, 1927/1993). Isto não quer dizer que se trata de uma compreensão intelectualizada, bem informada, estudada ou um conhecimento claro; não, a compreensão se refere a já estar junto a um conjunto de entes humanos e não-humanos que constituem o cotidiano médio. É a partir dessa compreensão – vaga, mediana, não-teorizada – que se pode desenvolver o conhecimento científico.

A compreensão, conforme apresentada por Heidegger, permite concluir que nunca se desenvolve conhecimento formal ou científico a partir do ponto zero ou da neutralidade, uma vez que a compreensão sempre envolve uma posição prévia, uma visão prévia e uma concepção prévia.

A *posição prévia* é o contexto no qual o ser humano já sempre está e com o qual já sempre se relaciona, desenvolvendo uma compreensão característica desse contexto. A *visão prévia* diz respeito ao parâmetro ou critério em função do qual o que será compreendido é ressaltado do contexto. Heidegger (1927/1993) fala em desentranhamento e recorte do compreendido de seu contexto habitual. A *concepção prévia* refere-se às conceituações relativas ao recortado que já sempre estão presentes em qualquer investida compreensiva.

Portanto, qualquer empreendimento científico sempre se dará num contexto típico, no qual se elegerá uma prioridade a ser abordada e realçada do contexto, tendo em vista conceitos ou ideias já presentes sobre o que será investigado. Veja-se um exemplo para a Psicologia: *posição prévia* – o modelo científico clássico, estruturado físico-matematicamente, a fim

de gerar informação que deve ser universal para ser válida; *visão prévia* – o estatuto científico da Psicologia assegurado pela aplicação do modelo científico clássico; *concepção prévia* – a elaboração de inventários escalares de personalidade.

Na medida em que sempre estamos envolvidos em compreensões prévias vagas, informais (pois assim é o *humano*) nunca houve a propalada restrição da sensibilidade, a fim de obter-se conhecimento objetivo, logo confiável. O rigor metodológico de base físico-matemática é uma possibilidade do modo de ser humano já, conseqüentemente, embebido nas características humanas das quais visa se afastar. Estude-se o clima típico de uma região ou o porquê das pessoas terem dificuldade de dizer o que querem dizer em determinadas ocasiões, estar-se-á sempre no domínio do humor e da compreensão.

Ciência é um conjunto de procedimentos elaborados pelo homem, para desenvolver conhecimento formal, de modo a qualificar aquilo que medianamente, vagamente, informalmente, já se compreende.

No que diz respeito à Psicologia, o debate sobre a sua cientificidade e sobre o seu “objeto” de estudo tem sido bastante frequente. Talvez porque nenhuma outra área do conhecimento se distancie tanto do sujeito e do objeto da tradição como ela, já que estuda o mais complexo dos objetos: aquele que nunca é objeto.

O rigor da ciência matemática é a exatidão... Ao contrário todas as ciências do espírito e até todas as ciências do ser vivo para permanecer rigorosas, precisam justamente ser inexatas. Pode-se, de fato, apreender também o ser vivo como uma grandeza espaço-temporal do movimento, mas nesse caso não se apreende mais o vivente (Heidegger, citado em Luijpen, 1973, p. 174, nota 348).

O modo psicológico de expressão humana, o serpsicológico do homem não é uma grandeza espaço-temporal, portanto uma investigação orientada pela exatidão tenderá a encontrar um simulacro.

A exatidão, a certeza são modos humanos de orientar investigações, no entanto aquilo que é investigado deve ter seu próprio modo de ser reconhecido, a fim de que se possa – exatamente – obter informações sobre ele. A exatidão e a precisão não estão no método, porém no reconhecimento do estatuto ontológico dos constituintes do processo científico.

“Heidegger, na busca do ponto de partida do conhecimento, estabelece como elemento inicial, o ser-em do ser-no-mundo que é o modo como o Dasein desde sempre se dá” (Stein, 2000, p. 110).

Quando o questionamento do ser humano se volta para si mesmo tem-se o que, tradicionalmente, se

chama de uma ciência humana. Aqui não é, apenas, questão de reconhecer que o ponto de partida é o modo de ser humano. Este mesmo modo de ser se dará como questionador e como questionado. Já se movendo num determinado humor e numa determinada compreensão o ser humano procurará investigar este mesmo modo de ser (humorado e compreensivo). Estabelecer-se-á, então, uma relação circular: humorado e compreensivo o homem investiga a si próprio em seus humores e compreensões e descobre-se já sempre num humor e numa compreensão que lhe “guiam” a busca cognoscitiva, já sempre humorada e compreensiva.

Se, como afirma Heidegger (1927/1993), a ciência tem o modo de ser do Dasein (ser humano), as ciências que investigam o ser humano se voltam sobre si mesmas, num exercício de auto-investigação da sua própria possibilidade científica, ou seja, o modo humano de ser.

Stein (1990) cita texto de Heidegger de 1925: “Conhecimento do mundo é um modo de ser do estar-aí (o ser humano) (...) fundado em sua constituição fundamental, o ser-no-mundo” (p. 25). Mais adiante se encontra: “conhecimento é sempre um modo de ser do estar-aí na base de seu já-estar-junto-do-mundo” (Heidegger, in Stein, 1990, p. 26).

O clássico ideal científico de neutralidade do conhecedor ante o conhecido é inviável, uma vez que o último apenas se dá como tal relativamente ao ser do primeiro.

A analítica existencial de Heidegger, é um esforço metodológico que, neste texto, tenta-se entender da seguinte maneira: o ser humano olha o olhar e revela-o para si próprio como um ver que dá algo de si para o que é visto.

Olhar o olhar é possível devido à circularidade que caracteriza o modo de ser humano. O homem compreende o ser e, por isso, compreende a si mesmo como *sendo* e, assim sendo, compreende o ser. Compreende o ser, porque compreende a si mesmo e compreende a si mesmo, porque compreende o ser (Heidegger, 1927/1993; Stein, 1983, 1990).

O que o ser humano dá de si é a condição para que algo seja visto. Sem o homem, nada seria visto. Contudo, esse ver não vê uma pura presença. Essa condição não é um espelhamento do que aparece. Aquilo que é visto, percebido, compreendido, manipulado somente o é já envolvido nas possibilidades do modo humano de ser. Já é percebido por um determinado humor, por uma determinada compreensão, por uma determinada estrutura prévia.

Em sua conferência “Que é isto – a Filosofia?”, Heidegger (1999) afirma que:

Muitas vezes e quase por toda parte reina a ideia de que o pensamento que se guia pelo modelo da representação e cálculo puramente lógicos é absolutamente livre de qualquer disposição (humor). Mas também a frieza do cálculo, também a sobriedade prosaica da planificação são sinais de um tipo de disposição (p. 39).

Adiante, Heidegger escreve que mesmo a razão, supostamente livre das “paixões” está “pré-disposta para a confiança na evidência lógico-matemática de seus princípios e regras” (p. 39).

CLÍNICA/PSICOTERAPIA

Via de regra, o trabalho de Heidegger é utilizado na Psicologia sob os nomes de psicologia fenomenológica, psicologia existencial e, em menor escala, hermenêutica e psicologia humanista. Frequentemente, outros autores, filósofos, são também associados a estas denominações como, por ex., Husserl, Merleau-Ponty, Sartre e Gadamer, de modo que o corpo teórico referido não é exclusivamente heideggeriano. Por outro lado, há uma abordagem clínica/psicoterapêutica desenvolvida diretamente da filosofia de Heidegger e com alguma colaboração do próprio filósofo, a *Daseinsanalyse* (grafia internacional). Sucintamente, sua história é a seguinte:

Ludwig Binswanger (1886-1966), psiquiatra suíço, foi o primeiro profissional a aplicar ideias de Heidegger ao entendimento de fenômenos de saúde mental, no final dos anos 20. Sua formação incluiu estudos com Bleuler e Jung em Zurique. Em 1907, acompanha Jung a Viena, para encontrar Freud pela primeira vez. Em 1909, Binswanger publica o primeiro estudo de caso psicanalítico numa clínica universitária alemã (Universidade de Jena). Apesar das divergências teóricas, Binswanger e Freud mantiveram amizade por mais de 30 anos, até a morte de Freud.

No início dos anos 40, Binswanger passa a chamar seu trabalho de *Daseinsanalyse*. No final dos anos 50, nas primeiras traduções para o inglês, seu trabalho foi chamado de Análise Existencial (Halling e Nill, 1995). Para ele,

a analítica da existência de Martin Heidegger é duplamente significativa para a psiquiatria. Ela fornece à pesquisa empírica em psicopatologia uma nova base metodológica e material, que vai além da sua abordagem de então; e sua consideração existencial da ciência coloca a psiquiatria em condições de justificar a realidade, a possibilidade

e os limites do seu projeto de mundo científico (...) Heidegger coloca nas mãos do psiquiatra um instrumento com o qual ele pode, livre de quaisquer preceitos teórico-científicos, verificar e descrever os fenômenos investigados conforme seu conteúdo fenomenal e contexto intrínseco totais (Binswanger, 1975, p. 206).

O interesse de Binswanger pela filosofia de Heidegger está vinculado à sua insatisfação com o reducionismo científico de Freud, manifesto, por exemplo, na base proto-fisiológica e mecanicista de ideias como o aparelho psíquico, a instintividade corporal e o desenvolvimento baseado em transformações onto-filogenéticas. Para Binswanger (1975), Freud somente entende o *homo natura*, ou seja, o homem como natureza.

Em sua leitura de Ser e Tempo, Binswanger (in May, Angel e Ellenberger, 1977) dá atenção especial à noção de ser-no-mundo, entendida por ele como estrutura fundamental da existência humana. Por ser-no-mundo, Binswanger entende o ser humano sempre em relação com os demais e com o ambiente. Disso, ele avança para a compreensão do mundo particular de cada paciente, como cada um se relaciona com outras pessoas e com o entorno ambiental. Ao contexto geral de significados relativos a um indivíduo, Binswanger chama *projeto de mundo*. O projeto de mundo envolve as três regiões do mundo: o mundo ambiental ou natural (Umwelt, ‘mundo ao redor’), o mundo social (Mitwelt, ‘com o mundo’) e o ‘mundo próprio’ (Eigenwelt), o mundo do relacionamento consigo mesmo (in May et al., 1977).

Considerando que o mundo humano diz respeito a uma relação com os outros e consigo mesmo e não somente ao mundo natural/objetivo, Binswanger evita trabalhar as perturbações psiquiátricas como desvios da norma (mundo natural/objetivo); o comportamento anormal é compreendido como manifestação de uma nova forma de ser-no-mundo. Aquilo que, tradicionalmente, seria visto como um sintoma maníaco, por exemplo, de acordo com Binswanger refere-se ao “mundo” do maníaco (in May et al., 1977). O conceito de ser-no-mundo serve, portanto, para que Binswanger integre os sintomas a um contexto particular (mundo) que lhes dá sentido: compreendendo o mundo do paciente, compreende-se seus sintomas.

Binswanger, contudo, entendia como insuficiente o tratamento dado por Heidegger à dimensão interpessoal do ser humano (Frie, 1999). Para ele, as relações de reciprocidade, de diálogo, de ser-um-com-o-outro não são valorizadas por Heidegger.

Convém observar que Heidegger estava a par do trabalho de Binswanger. Eles mantiveram correspondência pessoal de 1928 até a morte de Binswanger, em 1966. Além disso, houve eventuais encontros (Frie, 1999). Heidegger (1987/2001) se manifestou contrário à leitura que Binswanger fez de *Ser e Tempo* e Binswanger veio a reconhecer seu equívoco no entendimento da obra, acrescentando a observação de que se tratou de um “produtivo mal-entendimento” (Frie, 1999).

A *Daseinsanalyse* atual recebeu seu maior impulso com o trabalho de outro psiquiatra suíço: Medard Boss (1903-1990). Assim como Binswanger, Boss estudou com Bleuler e a seguir esteve em Londres e Berlim estudando psicanálise com Horney, Jones, Reich, Sachs e Fenichel. Com 32 anos de idade iniciou um período de 10 anos de estudo com Jung, em Zurique. Por curto período foi analisado por Freud, em Viena.

Na esteira do trabalho de Binswanger, Boss inicia estudos da filosofia de Heidegger (Craig, 1988). Em 1947, Boss inicia correspondência com Heidegger. Esse contato evolui para uma relação bastante próxima. Talvez estimulado pelos desacordos com Binswanger, que interpretava livremente sua obra, Heidegger se torna quase que um consultor de Boss para a aplicação de sua filosofia ao entendimento da medicina e da psicologia (Boss, 1979).

Entre os anos de 1959 e 1969, com a frequência de duas a três vezes por semestre, Heidegger (1987/2001) palestrou sobre sua filosofia na casa de Boss em Zollikon (Suíça), para um grupo entre 50 e 70 alunos e colegas de Boss. Conforme Boss (1987/2001), “ele (Heidegger) via a possibilidade de que seus insights filosóficos não ficassem limitados às salas dos filósofos, mas pudessem beneficiar um número muito maior de pessoas e, principalmente, pessoas necessitadas de ajuda” (p. 11).

Com a aliança entre Heidegger e Boss, o termo *Daseinsanalyse* passou a indicar o trabalho desse último, o qual não é uma continuidade da proposta de Binswanger. Em 1971 foi fundado o Instituto *Daseinsanalítico* de Psicoterapia e Psicossomática, Fundação Medard Boss, na Suíça.

Boss (1971/1983), com a orientação de Heidegger, critica o conceito de projeto de mundo de Binswanger, pois para ele(s) essa ideia carrega tonalidades subjetivistas. A *Daseinsanalyse* de Boss realça o entendimento do ser humano como abertura, ou seja, não se trata de um polo (ego) racional autossuficiente que tem a capacidade de conhecer e se inserir no mundo, porém um modo de ser aberto cujo correlato é o mundo. O mundo já está sempre subentendido no modo humano de ser (*Dasein*).

É com a apresentação das características fundamentais do ser humano que Boss (1971/1983) pretende deixar clara a diferença da *Daseinsanalyse* para com as psicologias entendidas como naturalistas-positivistas, como a Psicanálise e o Comportamentalismo. Características fundamentais são a denominação (psicológica) de Boss para o que Heidegger (1927/1993) chama de Existenciais, a fim de diferenciar o ser humano do ser não-humano, ou seja, ressaltar a especificidade humana. Os Existenciais se referem a um *quem*, ao passo que as categorias dizem respeito a um *que*.

A seguir apresentam-se os existenciais, conforme Condrau (1988). Gion Condrau (1919-2006), psiquiatra suíço, é o segundo nome mais importante da atual *Daseinsanalyse*, atrás apenas de Boss. Os exemplos acrescentados são do autor do artigo.

- Espacialidade – o espaço conforme é vivenciado e não de acordo com suas medidas, distâncias, altura, etc. O ser humano vivencia o espaço, ou seja, o espaço é fenômeno para o ser humano. Uma pessoa que seja muito importante para nós, pode parecer estar próxima, ainda que viva do outro lado do mundo. A casa na qual moro é determinada por este morar, não por suas dimensões. Patologias como Agorafobia e Claustrofobia apresentam um claro componente espacial.
- Temporalidade – o tempo conforme é vivenciado. É diferente do tempo do relógio, no qual os instantes se sucedem mecânica e constantemente. O ser humano vive no hoje, porém vivencia eventos passados e futuros na forma de recordações e antecipações. Para o ser humano, o tempo “não passa” ou “passa rápido demais”. A concepção popularizada de ‘trauma de infância’ como determinante de problemas presentes, pode ser revista: o evento aconteceu, ficou para trás, passou, já a sua significação, a vivência do evento, esta não passou, segue presente. Pode-se dizer, então, que trauma é aquilo que não passa. Sentimentos como ansiedade e arrependimento ou culpa são exemplos de futuro e passado se manifestando no presente.
- Corporalidade – a experiência corporal. O corpo humano não se apresenta como um objeto de carne e osso, nem como um puro organismo (biológico). O ser humano não tem um corpo, ele é corpóreo. O corpo humano expressa ideias, significados, experiências pessoais. O rosto de uma pessoa pode demonstrar alegria, tristeza, medo, etc. As mãos podem afirmar,

negar, aceitar, recusar, chamar ou afastar, assim como os movimentos de pescoço e cabeça. Nos aproximamos de algumas pessoas e nos afastamos de outras apenas pela visão de seus corpos, ou seja, o corpo se apresenta como alguém, que atrai ou repele. Em tempos de popularização da cirurgia plástica, tem-se um exemplo da preponderância da corporalidade sobre o (puro) corpo. A cirurgia plástica não muda o corpo, muda a pessoa cuja corporalidade não é vivenciada satisfatoriamente. Aquilo que o corpo transmite não lhe agrada.

- Disposição – Refere-se ao que comumente chama-se de humor. Os estados de humor indicam ‘como alguém está’, ‘como vai’. O estado de humor influencia naquilo que se percebe e como se percebe: pode-se estar atento a muitas coisas ou a poucas, acessível a determinados temas e desligado de outros, sensível a alguns objetos e pessoas e insensível a outros. Sendo assim, pode-se entender, por exemplo, a pessoa mal-humorada, que não vê graça em nada ou o otimista, que sempre procura ver possibilidades positivas nos acontecimentos. No cotidiano, é comum que diferentes pessoas, diante de um mesmo evento, percebam ou prestem atenção em aspectos diferentes do evento. Isso pode ser compreendido considerando-se que estados de humor diferentes levam a diferentes vínculos com a realidade, de modo que o ser humano entra em “sintonia” com aquilo que mais se aproxima do seu estado de humor.
- Ser-com-outros – o ser humano é sempre com os outros seres humanos. Ainda que alguém vivesse completamente isolado, seria apenas um modo deficiente de ser-com. Só pode ser solitário ou viver sozinho quem, originalmente, é social. Muito daquilo que fazemos rotineiramente tem como “pano de fundo” o fato de que vivemos, desde sempre, em comunidade. Por exemplo, quando percebemos que alguém está “falando sozinho”. Isso somente chama a atenção porque a fala é sempre entendida como ato comunicativo se dando, no mínimo, entre duas pessoas. Outro exemplo, somente sendo-com é que alguém pode ser tímido. Um exemplo de patologia seria a fobia social.
- Ser-para-morte – o ser humano é mortal e, além disso, ele sabe que é mortal. Sabe-se que se vai morrer e que isso pode acontecer a qualquer momento. Entretanto, no cotidiano, evita-se pensar nisso e vê-se a morte como algo distante. Boa parte daquilo que o homem faz ou realiza

durante a vida está relacionada ao fato de que não se tem “todo o tempo do mundo”. O próprio desenvolvimento biopsicossocial humano já mostra que se cumpre etapas de um processo finito. ‘Desenvolvimento’ é um conceito que só tem sentido em face da finitude. E em função dessa finitude, o homem escolhe e planeja grande parte de seus objetivos de vida.

Para a Daseinsanalyse, o ser humano sadio se caracteriza pela habilidade para dispor livremente do conjunto das possibilidades de relação que lhe foi dado manter com o que se apresenta na sua abertura para o mundo (Boss, 1971/1983). Havendo multiplicidade de fenômenos com os quais entrar em relação, é necessário decidir, escolher qual possibilidade se pretende realizar. Aqui há um espaço de liberdade. Boss (idem) afirma que se os homens não fossem livres para decidir diante das possibilidades inerentes à existência humana, não haveria culpa, saúde ou doença e progresso terapêutico.

Boss (1988) enfatiza que o objetivo da Daseinsanalyse é restabelecer a abertura e a liberdade originárias, devolver às pessoas aquilo que já era seu: a liberdade para dispor livremente das possibilidades de sua existência, de acordo com suas percepções, julgamentos e talentos.

A questão básica do entendimento daseinsanalítico da patologia apresenta três aspectos: 1) de que modo a liberdade da pessoa para realizar suas possibilidades está limitada; 2) quais são as possibilidades que estão limitadas; 3) em relação a quais coisas do mundo individual a limitação ocorre?

Um exemplo clínico apresentado por Condrau (1988) auxiliará na compreensão dessa proposta:

Homem com 33 anos procura atendimento por não poder escrever, devido a sofrer câibras na mão ao tentar fazê-lo. Inicialmente, adota-se a atitude fenomenológica de permanecer atento somente ao que se manifesta, no caso o sintoma de câibras ao tentar escrever. O que se sabe, de antemão, sobre esse problema? Primeiro, que a dificuldade tem a ver com o ato de escrever e, segundo, que se trata de um problema na corporalidade.

Que tipo de relação com o mundo a escrita permite vivenciar ou realizar? Escrever é comunicar e comunicação escrita está relacionada ao fato de que compartilhamos linguagem e informação com os demais seres humanos, ou seja, estamos no domínio do ser-com. Portanto, a limitação ou problema apresentado é relativo às possibilidades de ser-com os outros.

A comunicação escrita apresenta características diferentes da comunicação verbal. Ao contrário da fala, que pode vir a ser negada posteriormente, aquilo

que é escrito permanece. Daí o uso de atas, contratos e documentos. Aquilo que é escrito gera um compromisso para a pessoa que escreveu.

A cãibra, além de indicar a corporalidade, também se relaciona com um humor específico, a tensão. Essa tensão se manifesta, especificamente, no ser-com os outros. A tensão é algo que restringe, limita as possibilidades de relação com outros. (Estas considerações foram feitas somente considerando o sintoma apresentado, ou seja, a descrição do paciente).

No decorrer da terapia, soube-se que o paciente tinha dificuldades sexuais. Não é o caso de se pensar que a cãibra na mão seria manifestação de uma sexualidade insatisfeita, mas sim que, assim como a cãibra, também a sexualidade diz respeito ao ser-com. Se as possibilidades de relação com os demais estão limitadas, também a sexualidade é afetada. A situação do paciente veio a confirmar esse entendimento: ele apresentava dificuldade generalizada para estabelecer relações sociais.

Exemplo de entendimento de fenômeno psicológico com base em Heidegger

Para finalizar esta apresentação do que seria uma psicologia heideggeriana e permanecendo na área clínica/terapêutica, um exemplo, ainda por ser mais elaborado, de como entender um fenômeno psicológico a partir da analítica existencial de Heidegger.

O fenômeno em questão é o da frustração. Para que alguém se frustre, é necessário querer que algo aconteça e estar na expectativa da realização do acontecimento. Expectativa diz respeito a um entendimento de como uma situação pode (possível-futuro) se desenrolar. Exige a consideração do momento atual (presente) e a de sua transformação (futuro) com a realização daquilo que se espera.

Então, para que se entenda o fenômeno da frustração é preciso considerar que o ser humano não vive como um corpo (objeto) dentro de um espaço material (natureza). O ser do homem, ou seja, o modo como o homem existe (o Dasein de Heidegger), é um *poder-ser* que se projeta em possibilidades que encontra no mundo, porque mundo é um contexto de possibilidades.

Heidegger (1927/1993) observa que aquilo que o ser humano ainda não é de fato, ele é existencialmente, pois a dimensão futura, o ainda-não (que pode ou não se realizar) faz parte de seu modo de ser. O homem não *tem* possibilidades, ele *é* suas possibilidades e por isso é que pode se frustrar, porque o possível não está lá adiante, no futuro distante; não, o possível está sempre presente. O possível é um constituinte do ser humano e como tal o afeta, faz diferença. O possível é agora.

Por isso, podemos ficar ansiosos em função de algo que devemos fazer. Ainda não fizemos, porém a dimensão da possibilidade já se manifesta na ansiedade.

A frustração é uma repercussão psicológica de algo que alguém – possivelmente – é. Se tenho o desejo e a expectativa de que algo se realize, no âmbito da possibilidade já vivencio esta realização, cujo fracasso (de fato) me frustra. Ser possivelmente não quer dizer que será de fato, mas como o poder-ser é típico do ser humano, o possível já repercute no dinamismo psicológico das pessoas.

Certamente o sentimento de frustração é um dos mais comuns com os quais psicólogos devem lidar no trabalho terapêutico, seja ele realizado aonde for. Este exemplo pode indicar um modo alternativo de lidar com a questão, evitando dicotomias herdeiras da relação sujeito-objeto e relações mecânico-funcionais com o ambiente.

Assim também a psicologia como um todo pode se beneficiar da influência de Heidegger, no sentido de se reconhecer como uma ciência humana, não por estudar o homem (de modo genérico, como mais um integrante da natureza), porém por investigar o *modo de ser* humano, cujas manifestações não correspondem aos dualismos e mecanicismos da ciência clássica.

REFERÊNCIAS

- Binswanger, L. (1975). *Being-in-the-world: selected papers of Ludwig Binswanger* (J. Needleman, Ed.). London: Souvenir Press.
- Boss, M. (2001). Prefácio. In M. Heidegger. *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1987).
- Boss, M. (1988). Recent considerations in Daseinsanalyse. *The Humanistic Psychologist*, 16, 1, 58-74.
- Boss, M. (1983). *Existential foundations of Medicine and Psychology*. New York: J. Aronson. (Originalmente publicado em 1971).
- Boss, M. (1979). Martin Heidegger's Zollikon seminars. *Review of Existential Psychology and Psychiatry*, 16, 7-20.
- Condrau, G. (1988). A seminar on daseinsanalytic psychotherapy. *The Humanistic Psychologist*, 16, 1, 101-129.
- Craig, E. (1988). Daseinsanalysis: a quest for essentials. *The Humanistic Psychologist*, 16, 1, 1-21.
- Frie, R. (1999). Interpreting a misinterpretation: L. Binswanger and M. Heidegger. *Journal of the British Society for Phenomenology*, 30, 244-257.
- Giorgi, A. (1995). Phenomenological psychology. In Smith, J.; Harré, R.; Van Langenhove, L. (Orgs.). *Rethinking psychology*. (pp. 24-42). London: Sage.
- Halling, S.; Nill, J. (1995). A brief history of existential-phenomenological psychiatry and psychotherapy. *Journal of Phenomenological Psychology*, 25, 1, 1-45.
- Heidegger M. (2001). *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1987).

- Heidegger, M (1999). *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural.
- Heidegger, M. (1993). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1927).
- Luijpen, W. (1973). *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo: EPU.
- May, R.; Angel, E.; Ellenberger, H. (Orgs.) (1977). *Existencia*. Madrid: Gredos. (Originalmente publicado em 1958).
- Stein, E. (1983). *A questão do método na filosofia: um estudo do modelo heideggeriano*. Porto Alegre: Movimento.
- Stein, E. (1990). *Seis estudos sobre 'Ser e Tempo' (Martin Heidegger)*. Petrópolis: Vozes.

Stein, E. (2000). *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Porto Alegre: Edipucrs.

Recebido em: 29.03.2011. Aceito em: 20.10.2011.

Autor:

Marcelo Vial Roehé – Psicólogo pela UFRGS. Mestre em Psicologia pela PUCRS.

Enviar correspondência para:

Marcelo Vial Roehé
Rua Caiapó, 120
CEP 91900-550, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: mvroehé@gmail.com